

VIVER PARA SER TELEGRAFISTA

Ao ingressar para a Escola de Aprendizes Marinheiros, em 1983, descobri que existia a profissão de TELEGRAFISTA (TL) e decidi que seria um deles. Fui Grumete do antigo QSO, que me dava a opção de escolher a profissão de TL. Embarquei como Marinheiro no Navio Aerodromo Ligeiro Minas Gerais e fiz parte, com muito orgulho, de uma das Divisões do Departamento de Aviação, a V-3, responsável pelo hangar de aeronaves. Porém, sempre que podia, ia até a frente da Estação Rádio do navio para tentar conhecer um pouco do trabalho dos TL. Preenchi o Questionário de Opção, sendo a primeira escolha a especialização em TL. Desembarquei para a Base Aeronaval de São Pedro D'Aldeia, onde fiz o teste de audiometria exigido. Qual foi a minha decepção quando fui reprovado no teste, embora eu não tivesse nenhum problema aparente de audição. Fiquei tão decepcionado que decidi pedir baixa da Marinha do Brasil (MB). Foi quando meu Encarregado, ao saber disso, resolveu me enviar para fazer o teste de audiometria novamente e, por sorte minha, tinham verificado um problema no aparelho que fazia a audiometria e, após feito o reparo, eu passei no teste. No ano de 1987, finalmente fui cursar para Cabo TL, sendo o segundo colocado geral do Curso. Fui então servir na Fragata Constituição (F-42), tendo embarcado no começo de 1988. Como Cabo TL mais moderno da Estação Rádio no navio, fui designado para dar serviço de Sinaleiro em viagem, porque haviam poucos sinaleiros a bordo. Fiquei um pouco decepcionado, pois minha vontade era dar serviço na Estação Rádio, recebendo e transmitindo por Código Morse, mas sabia que aquela era uma situação passageira. Em certa viagem, ao entrar de serviço de Sinaleiro de 00h às 04h, rendi o serviço no Passadiço, pois estava chovendo muito e o Oficial de Manobras havia mandado o sinaleiro de 21h às 24h sair da Sinalaria e recolher-se para lá. Após render o Serviço, como a chuva havia diminuído, o atual Oficial de Manobras mandou voltar à Sinalaria. Era mais ou menos 00:30h e eu prontamente obedeci. Saí do Passadiço por boreste, fechei a porta estanque e iniciei a ida para a sinalaria, quando uma grande onda pegou o navio pelo través de bombordo e o fez adernar para boreste. Escorreguei no piso molhado e fui jogado em direção à borda do navio, tendo conseguido me agarrar à balaustrada, porém já com uma parte de meu corpo para fora do navio. Como era noite chuvosa, estava muito escuro e ninguém viu o que me aconteceu. Lá estava eu, agarrado a balaustrada, com uma parte do corpo para fora do navio e só pensava que não podia morrer porque ainda não tinha dado nenhum serviço como TL. Foi quando outra grande onda bateu contra o navio, agora por boreste (o bordo que eu estava pendurado), adernou o navio para bombordo e, como se fosse a mão de Netuno, uma lufada de água dessa onda me jogou de volta para bordo, em direção a antepara, a qual me agarrei com todas as forças e aí fui para a Sinalaria, onde cheguei exausto e molhado, mas salvo e vivo para poder me tornar enfim um TL. O restante do Serviço transcorreu normalmente e eu resolvi não contar nada para ninguém, tudo havia acabado bem e não vi necessidade de criar uma comoção. Com o tempo, embarcaram Sinaleiros e eu finalmente passei a dar serviço na Estação Rádio do Navio, de onde só sai quando fiz a primeira prova para Sargento (SG) em 1990 e fui aprovado em primeiro lugar, tendo feito o C-FSG em 1991. Em 1992 voltei como SG para a Fragata União (F-45), aonde cheguei a ser Supervisor da Estação Rádio. Passei por várias outras Estações Rádio, sempre com muito amor a profissão de TL, sabendo que praticamente devo minha vida a essa paixão que meu deu forças para escapar daquela difícil situação. Hoje estou na Reserva

da MB tendo 972 dias de mar, sempre trabalhando em Estações Rádio de Navios. Guardo ainda o MANIPULADOR DE MORSE, que me acompanhou por um bom tempo, hoje um troféu na estante da minha residência.

SO-RM1-TL GETULIO